

# CITÂNIA DE SANFINS

## V—NOTA SOBRE ALGUMAS MOEDAS

POR AFONSO DO PAÇO

No decorrer das escavações arqueológicas a que procedemos na Citânia de Sanfins, situada na freguesia deste nome, concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto, encontraram-se diversas moedas romanas que, para maior facilidade de estudo, agruparemos da seguinte maneira:

- 1.º — Moedas existentes dentro de uma vasilha de barro;
- 2.º — Moedas encontradas sobre uma brecha da muralha n.º 1;
- 3.º — Moedas dispersas.

\*

\*   \*

As primeiras constituem pròpriamente aquilo a que chamamos «Tesouro monetário da citânia de Sanfins», conjunto de 288 denários de prata com que se deparou na tarde de 19 de Agosto de 1950.

O seu estudo foi feito pelo malogrado P.<sup>e</sup> Eugénio Jalhay e por nós e constituiu assunto de uma comunicação que tivemos a honra de apresentar à Academia Portuguesa da História onde se encontra em via de publicação (1).

---

(1) *Afonso do Paço e Eugénio Jalhay* †: «Tesouro monetário da citânia de Sanfins»: comunicação apresentada à Academia Portuguesa da História, em sessão de 14 de Maio de 1954. A sua publicação será feita nos *Anais* desta colectividade científica e não no *Boletim* da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, Ministério das Obras Públicas, como primitivamente fora anunciado. As escavações da citânia de Sanfins são subsidiadas pelo Ministério das Obras Públicas — Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais.

Motivou também ligeiras notas saídas a lume nas páginas da *Brotéria* (1) e por isso não lhe faremos mais referências, além daquelas a que o desenvolvimento do presente trabalho nos obrigar.

O segundo agrupamento foi tratado conjuntamente com o primeiro, pela necessidade de documentar conclusões a que então se chegou.

Restam-nos apenas as chamadas «moedas dispersas», recolhidas nas campanhas de 1946, 1948, 1949, 1950, 1951, 1952 e 1953, que passaremos a descrever.

\*

\*   \*   \*

### Campanha de 1946:

Foi no decorrer desta, a 24 de Agosto, que se encontrou o primeiro numisma, junto de uma espécie de alpendre que fica a Norte da casa n.º 14. Fig. 1. Trata-se de um denário bastante queimado, de *Man. Fonteius C. f.*, a que já se fez referência (2).

#### FORTEIA (3)

*Anv:* MAN. FONTEI. C. F. (*Manius Fonteius Caii filius*). Cabeça laureada de Apolo Vejovis, à direita; por baixo o raio.

*Rev:* O Génio alado de Apolo Vejovis, ainda criança, montado na cabra Amalteia, à direita. Por cima os bonés dos Dióscuros, em baixo um tirsus. O conjunto cercado por uma coroa de louros.

88 a. C.

Babelon I, 508.

M. Fonteius foi legado de Sila na Hispânia Citerior e mais tarde na Macedónia. Pretor na Gália Narbonense entre 76 e 74 a. C., cometeu tamanhas arbitrariedades que a população indígena se sublevou, indo o seu chefe apresentar queixa a Roma.

Cícero pronunciou em sua defesa o célebre discurso *Pro Fonteius*, mas não sabemos se o absolveram. O que é certo é que foi afastado da vida política. A cabeça que figura no anverso tem todos os traços de Apolo, mas o raio que lhe fica na parte inferior é atributo de Júpiter. Trata-se portanto da figura de Apolo Vejovis, divindade que reunia as qualidades daqueles dois deuses e tinha um templo famoso em Roma.

(1) *Afonso do Paço*: «Citânia de Sanfins: III — Breve notícia de um tesouro monetário», *Brotéria*, vol. LVI, Lisboa, 1953.

(2) *Eugénio Jalhay e Afonso do Paço*: «A Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira)» — 2.ª a 4.ª campanhas. *Brotéria*, vol. XLVI, Lisboa, 1947.

(3) Família FORTEIA

A cabra é alusiva à lenda que refere ter sido Júpiter amamentado pela cabra Amalteia, num antro do Monte Ida, em Creta.

\*

\* \*

A entrada deste primeiro numisma no Museu da Citânia, trouxe logo a oferta para o mesmo de um exemplar de prata do imperador *Septimius Severus*. Pertencia à casa da Fervença e foi-nos entregue pelo seu proprietário, o saudoso Alberto Soares de Moura Quintela, que informou ter sido encontrada, há alguns anos, em terrenos da citânia.

Tratando-se de um exemplar perfeito, teve em tempos soldada uma pequena argola de prata e serviu de enfeite a uma corrente de relógio.

Septimius Severus que as suas legiões aclamaram em 193 d. C. ao saber da morte de Pertinax, sem perda de tempo marchou sobre Roma e apoderou-se da cidade. Foi talvez a sua curiosa divisa «tudo pelos soldados, tudo para os soldados», que o levou ao poder.

Desembaraçado dos adversários, associou no governo os seus dois filhos Caracala e Geta, com o nome de Augustos.

No seu tempo restauraram-se muitos dos monumentos que a intempérie estragara, cidades foram dotadas de soberbos edifícios, Roma povoada de estátuas. Para comemorar os seus feitos no Oriente, mandou edificar um pórtico triunfal de mármore branco, ainda hoje existente.

A fim de melhor explorar a riqueza mineira da Inglaterra, deslocou-se para esta ilha com os dois Augustos, mas atacado de reumatismo, devido ao mau clima, faleceu em York em 211, depois de 18 anos de governo.

Seus filhos levaram as cinzas para Roma, onde se realizaram soberbos funerais e foi elevado à categoria dos deuses.

A descrição da moeda é a seguinte :

*Ann*: L. SEPTIMIVS SEVERVS PERTINAX AVG IIII (o N invertido)  
Busto laureado de Septimius Severus, à direita

*Rev*: VRBS ROMA. Roma sentada à esquerda, sobre uma couraça, segurando uma vitória e uma haste.

Cohen (VII, 64) não nos descreve nenhum numisma que tenha exactamente o reverso do exemplar de Sanfins.

Quisemos ouvir sobre ele a opinião autorizada de E. Niepoort que nos disse:

«Não encontro este medalhão em Froehner, «Les Médailles de l'Empire Romain», onde vêem reproduzidos onze exemplares deste imperador. Todavia não me é desconhecido porque ao Sr. António Pinto de Sousa, em tempos, foi oferecido um exemplar igual, mas munido de argola... Consideramos este numisma sempre como altamente suspeito (pela aparência geral, pela inversão do «N» de «Pertinax», pela terminação da legenda do anverso e pelos dizeres do reverso» (1).

Desconhecem-se as condições de achado na citânia, da referida moeda e tão pouco sabemos se a argolita de prata já existia ou se foi soldada posteriormente.

O facto dos dois exemplares conhecidos terem sido munidos de argola, não fará avolumar as suspeitas de que nos fala Niepoort?

\*  
\*   \*  
\*

### Campanha de 1948:

Neste ano, a 31 de Agosto, na rua n.º 3, em frente da casa n.º 38, recolheu-se um quinário de prata, muito queimado, com o reverso arrancado pelo fogo e o rebordo lateral tão destruído que é impossível ler no anverso uma legenda que acompanhava o busto central, ainda um tanto visível.

Apesar de tamanhas deficiências, E. Niepoort julga tratar-se de um exemplar de *M. Porcius Cato*.

#### PORCIA:

*Anv:* M. CATO (*Marcus Cato*). Cabeça diademada da Liberdade à direita. Atrás uma letra ou um símbolo variável.

*Rev:* VICTRIX. Vitória alada sentada à direita, segurando uma patera e uma palma.

101 a. C.

Babelon II, 371.

---

(1) Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Ed. M. V. D. Niepoort apresentamos os mais sinceros agradecimentos pelas indicações que teve a gentileza de nos dar.



\*

\* \*

Ainda neste ano, a 27 de Agosto, recolhemos outro denário no pequeno largo entre as casas n.º 57 e 60, mas de tal maneira queimado e gasto que foi impossível fazer-se a sua identificação.

\*

\* \*

### Campanha de 1950:

Durante ela, dos 288 denários que constituem o tesouro pròpriamente dito e que, como dissemos, se encontravam dentro de uma pequena vasilha de barro, e do grupo de moedas espalhadas sobre a brecha aberta na muralha n.º 1, há a referir três outras, que não estando pròpriamente sobre o referido golpe, se encontravam dele distanciadas uns metros, no largo que lhe fica vizinho, já dentro do reduto central.

O primeiro exemplar é de *Caecilius Metellus* :

#### CAECILIA:

*Anv*: Cabeça diademada da Piedade, à direita. Adiante uma cegonha.

*Rev*: Q. C. M. P. I. (*Quintus Caecilius Metellus Pius, imperator*).  
Elefante caminhando para a esquerda.

79 a. C.

Babelon I, 257.

Esta moeda foi cunhada na Hispânia quando se preparava a guerra contra Sertório.

O segundo exemplar é de Octávio :

#### JULIA:

*Anv*: Cabeça diademada de Vénus, à direita.

*Rev*: CAESAR DIVI F. (*Caesar divi filius*). Octávio, de pé, vestido de legionário, caminhando para a esquerda, com a mão direita estendida e segurando na esquerda uma haste.

Posterior a 42 a. C.

Babelon II, 49.

César usa aqui o título de *Divi filius* que, segundo Babelon, lhe foi dado em 32 a. C. Cohen porém diz que ela deve ser relativa à vitória de Actium e portanto cunhada entre 35 a 28 a. C. (1).

O terceiro exemplar é de *L. Livineius Regulus*:

LIVINEIA:

*Anv*: L. REGVLVS PR. (*Lucius Regulus, praetor*). Cabeça descoberta do pretor L. Livineius Regulus, à direita.

*Rev*: R. REGVLVS F. PRAEF. VR. (*Regulus filius, praefectus Urbis*).  
Cadeira curul entre dois feixes de varas.  
43-42 a. C. Babelon II, 143.

\*

\* \*

**Campanha de 1951:**

Deste ano é um meio bronze muito alterado, que dificilmente permite identificação.

Foi encontrado no recinto que fica ligeiramente a NE. do local do achado do tesouro de 1950 e nas suas imediações recolheram-se fragmentos de *sigillata* e vidro.

Bastante corroido no seu contorno, os relevos do anverso e reverso quase desapareceram. Não tem, porém, indícios de fogo,

É, segundo classificação que agradecemos a Niepoort, do imperador Caius Valerius Diocletianus, aclamado em 284 e falecido em 313 d. C.

*Anv*: IMP. C. DIOCLETIANVS P. F. AVG. Cabeça laureada à direita

*Rev*: SACRA. MON. VRB AVGG. ET CAESS. MN. A Moeda de pé, à esquerda, segurando uma balança e a cornucópia da abundância.  
Cohen, VI, 463, n.º 434.

---

(1) H. Cohen: «*Description générale des monnaies de la république romaine...*». Paris, 1857, pág. 165, n.º 73 e est. n.º 45.

\*

\* \*

**Campanha de 1952:**

No seu decorrer encontraram-se três denários de prata muito queimados como os da campanha de 1950.

Dois deles, o primeiro e o último, estavam juntos da muralha n.º 2, no extremo ocidental da rua n.º 1, entre o grande penedo e aquela.

O segundo foi achado ao pé da muralha n.º 1 ou do reduto central, do lado do interior, dentro da casa n.º 75.

O primeiro exemplar é de *Paullus Aemilius Lepidus*:

**AEMILIA:**

*Anv*: PAVLLVS LEPIDVS CONCORDIA Cabeça diademada e velada da Concórdia, à direita

*Rev*: PAVLLVS TER. Lucius Aemilius Paullus, em traje de general romano, de pé e com a mão estendida para um trofeu. À esquerda deste, Perseu, com as mãos atadas atrás das costas e seus filhos adiante.

54 a. C.

Babelon I, 122.

*Paullus Ter.* refere os três triunfos de L. Aemilius Paullus, ascendente do moedeiro, em seguimento de brilhantes vitórias que tiveram por teatro:

— Hispânia, 190 a. C.

— Ligúria, 181 a. C.

— Macedónia, 168 a. C.

Nesta última campanha Paullus aprisionou o rei Perseu, facto que motivou um triunfo extraordinário, caminhando o monarca cativo e seus dois filhos, atrás do carro do vencedor.

**VERGILIA:**

*Anv*: Busto de Apolo Vejovis, com coroa de carvalho, à direita. Em baixo um raio.

*Rev*: VER. GAR. OGVL. (*Vergilius, Gargilius, Ogulnius*). Júpiter com o raio, guiando uma quadriga a galope. Em cima uma letra variável.

81 a. C.

Babelon II, 528.



Esta moeda tanto pode ser de Vergilius ou Verginius, como de seus colegas Gargilius e Ogulnius.

#### GELLIA:

*Anv:* Cabeça da deusa Roma, à direita, de capacete alado.  
Atrás a marca ✕. O todo numa coroa de loureiro.

*Rev:* CN. GEL. ROMA (*Cnaeus Gellius. Roma*). Marte de capacete,  
galopando numa quadriga, à direita, conduz a deusa Nério Neremis.  
149 a. C. Babelon I, 535.

Este *Cn. Gellius*, historiador romano contemporâneo dos Gracos, escreveu na primeira metade do século VII a. C. Foi o poeta Aulu-Gelle, descendente desta família, que nos deu a explicação da figura do reverso desta moeda.

A deusa sabina Nério Neremis, que Marte conduz e com quem casou, é identificada na mitologia romana com Minerva ou Vénus. A legenda faz referência à origem sabina dos Gelli.

\*

\* \*

#### Campanha de 1953:

Toda realizada no extremo ocidental da rua n.º 1 e a Norte das penedias que ali ficam situadas. Fig. 1-P. Dela é proveniente uma moeda de prata do imperador Vitellius, muito perfeita e sem o menor vislumbre de acção de fogo.

*Anv:* A. VITELLIVS IMP. GERMAN. Cabeça laureada de Vitellius, à direita.

*Rev:* VICTORIA AVGVSTI. Vitória caminhando para a esquerda segurando um escudo sobre o qual se lê S. P. Q. R.  
68-89 d. C. Cohen I, 364.

Aulus Vitellius que nasceu em Roma em 15 d. C. passou a juventude em Capri, junto de Tibério. O seu talento agradou depois a Calígula, e a maneira como se conduzia no jogo captou os favores de Cláudio e Nero.

Cônsul dois anos em África, voltou a Roma onde exerceu funções públicas e foi em 68 enviado por Galba, como legado, à Germânia Inferior. As suas legiões, que detestavam Galba, aclamaram-no e o seu partido engrossou com a adesão de outras tropas.

As coortes de Roma por sua vez aclamaram Otho, que foi morto na luta que se travou entre os dois partidários.

A intemperança de Vitellius e as prodigalidades de que lançava mão para a satisfazer, esgotaram o tesouro e indispueram toda a gente. Estalou uma revolta em Roma e depois de várias vicissitudes Vitellius foi derrotado e para fugir à morte escondeu-se em casa do porteiro do seu palácio.

Descoberto, foi arrastado para a praça pública, insultado, ultrajado e esquartejado, no ano 69, depois de um governo de 8 meses.

\*

\*      \*

### **Considerações finais**

Sejam-nos ainda permitidas certas considerações filhas do hábito inveterado de ponderar os factos nas escavações pré-históricas.

Para um melhor estudo do conjunto de moedas recolhidas na citânia durante as campanhas de 1946 a 1953, elaboramos uma carta da sua distribuição, facto que nos permitirá algumas conclusões que nos parece não serem de todo para desprezar.

Dissemos que os numismas de prata da república se apresentavam com indícios de fogo, nalguns tão forte, que até lhes inutilizou o relevo de uma das faces.

Fazem porém excepção, como já foi observado, os exemplares que estavam dentro da vasilha de barro e os do império.

Na comunicação sobre o tesouro desta citânia apresentado à Academia Portuguesa da História dissemos, que no decorrer da escavação de 1950, se verificou que a muralha n.º 1, que circunda o reduto central, apresentava um pouco a Sul do local do tesouro uma brecha bastante profunda, com desmoronamentos para o interior e exterior.

Sobre este golpe e pedras dele resultantes, com indícios seguros de incêndio, estavam 18 moedas de prata bastante queimadas, duas das quais *quinários* de P. Carisius.

Ora tanto os sinais de fogo como as moedas espalhadas levam-nos a aceitar que a brecha foi praticada violentamente e tal violência só nos parece de admitir em caso de guerra.

Também é certo que a ferida aberta naqueles muros por ocasião de determinada luta, nunca foi fechada, mantendo-se intacta até aos nossos dias, o que nos permitiu em 1950 constatar a sua existência.

O facto da muralha não ter sido reconstruída naquele ponto, é para

nós sinal evidente de que toda a ideia de independência e espírito guerreiro da vasta citânia terminou ali, isto é, por ocasião de tal luta, pois se o belicismo e uma vida normal subsistissem, a brecha não deixaria de ter sido tapada.

· Não queremos com isto afirmar que toda a actividade se extinguiu na citânia. Longe de nós tal ideia, mas o que supomos é que as escassas gentes que por ali ficaram agarradas às casas, viveram uma vida apagada, sem alimentarem qualquer ideia de recuperar as liberdades e independências antigas ou defender de algum modo os parques haveres que a rapacidade de Roma lhes deixara.

· Todo o ser que pudesse oferecer resistência ou fosse capaz de redução a dinheiro, teria sido passado pelas armas, cortadas as mãos ou vendido como escravo.

· São prova destas asserções os raros fragmentos de *sigillata*, vidro ou moedas do império.

· Admitidos pois todos estes factos com insofismáveis, à luz de uma análise serena dos documentos, chamemos-lhe assim, que chegaram até nossos dias, e apertando cada vez mais o círculo do raciocínio, vejamos ao que ele nos conduz.

· Não podemos duvidar que as moedas queimadas existentes sobre a brecha com sinais de incêndio, estivessem ali desde a ocasião da abertura de tão rude golpe.

· Ora sendo assim, temos de admitir que tal facto só se pode ter dado, pelo menos, depois dos referidos numismas estarem em curso.

· Dois deles, encontrados sobre a abertura feita na muralha eram, como se disse *quinários* de prata de P. Carísius, cuja emissão se fez em Mérida entre os anos 25 e 23 a. C.

· Por outro lado, referem os historiadores do tempo, que a última revolta dos povos do noroeste peninsular contra o domínio de Roma teve lugar na Cantábria e no ano de 19 a. C.

· Este fora o derradeiro arranco das indómitas gentes que desde o ano 29, por sucessivas rebeliões resistiam a uma submissão total ao invasor.

· Limitada a guerra do ano 19 aos povos cantábricos e sendo os anos 23, 21 e 20 considerados de paz, resta-nos para o combate na nossa citânia as datas de 24 e 22, em que se refere ter havido de facto guerras contra Roma.

· Sabe-se ainda que P. Carísius, depois da vitória do ano 25, foi designado legado de Augusto para a Lusitânia, Calécia e Astúria, funções que exerceu até 22, com a incumbência de fundar Mérida.

Refere Dion de Cassio que a campanha de 24 tivera lugar na Cantábria e Astúria <sup>(1)</sup>. Os povos desta região propuseram-se fornecer trigo às tropas romanas. Quando estas foram por ele, mataram-nas numa emboscada <sup>(2)</sup>.

L. Aemilius, vencendo-os, incendiou-lhes campos e cidades e cortou as mãos aos cativos <sup>(3)</sup>.

Teríamos assim a luta do ano 24 liquidada sem Carísio, que preocupado certamente com a fundação de Mérida e não sendo, por certo, de grande monta a sublevação nas províncias em que era legado, nem se teria deslocado para o teatro de operações.

De outro modo teria sido a sua maneira de agir em 23.

Diz-nos Dion de Cassio <sup>(4)</sup> que neste ano os Astures e os Cântabros se lançaram de novo em guerra. Os primeiros levados e esse extremo pelo orgulho e crueldade de Carísio; os segundos, por saberem da rebelião dos Astures e desprezarem o seu governador C. Furnius, recém-chegado à península e por isso julgado inexperiente <sup>(5)</sup>.

Porém Furnius e Carísio aliaram-se e vencendo os revoltosos, venderam-nos como escravos.

Ora sendo Carísio legado para a Astúria e a Calécia, assim como para a Lusitânia, é muito provável que revoltados os primeiros, se lhes juntassem os Calaicos, se não no todo pelo menos em parte, visto ser natural que a crueldade se exercesse sobre todos de igual modo. Quanto aos Lusitanos, submetidos há mais tempo e onde o domínio de Roma se faria por isso sentir mais intensamente, é provável que não fossem tratados tão duramente, ou então não tivessem possibilidades de enfileirar ao lado dos insurrectos.

Para nós, apesar de Dion de Cassio o não referir, é facto indubitável, apoiados com segurança nos testemunhos insofismáveis recolhidos na citânia de Sanfins, que os povos de Entre Douro e Minho, se não no todo pelo menos em parte, se sublevaram no ano 22 contra Carísio e que este, como é natural, os tratasse com a maior crueldade e reduzisse à escravatura a população válida.

<sup>(1)</sup> 53, 29.

<sup>(2)</sup> Adolf Schulten: «*Los Cantabros y Astures y su guerra con Roma*», Madrid, 1943, pág. 157.

<sup>(3)</sup> «*Fontes Hispaniae Antiquae*», vol. V, pág. 330.

<sup>(4)</sup> 54, 51.

<sup>(5)</sup> «*Fontes...*», vol. V, pág. 33.

É fora de dúvidas que em Sanfins houve uma luta violenta, e que após ela se ofuscou para sempre o seu esplendor e reduziu a *zero militar* o espírito guerreiro dos seus habitantes.

Excluído, como observamos acima, que isto se tivesse dado no ano 19, e não nos parecendo muito de admitir o ano 24, teria de localizar-se, fatalmente, no ano 22 esta nova tentativa para sacudir o jugo de Roma.

A nossa citânia, pela sua importância, deveria comandar muitas gentes que viviam no seu âmbito e por isso desempenhou papel de relevo neste levantamento geral contra Roma e seus legados.

Sobre ela teria incidido, como é natural, violento ataque das tropas de Carísio, algumas das quais seriam portadoras da nova moeda cunhada havia pouco em Mérida.

Vencida a cabeça da revolta, os povoados satélites cairiam com a maior facilidade e os defensores que escaparam ao massacre teriam sido vendidos como escravos.

Um dos mortos ou dos aprisionados foi por certo o proprietário do tesouro encontrado em 1950, e que devia viver na casa junto da qual aquele se encontrava escondido.

Na citânia teriam ficado apenas algumas gentes isoladas, agarradas como líquens aos restos dos haveres que Roma não arrebatara ou destruíra.

Foi mais ou menos isto que dissémos na nossa comunicação à Academia Portuguesa da História.

Vejamos agora se a carta com a distribuição dos numismas (Fig. 1) nos pode dizer mais alguma coisa.

Notamos o aparecimento de duas moedas queimadas junto da muralha n.º 2, em A.

Neste local a fortificação passa sobre uma penedia e pode muito bem ser que este acidente do terreno facilitasse o assalto que ali possivelmente teve lugar.

A destruição que apresentava quando da escavação, reduzida, pode dizer-se, a simples alicerces, deve ser resultado de terem retirado as pedras aproveitáveis e visíveis, há uns bons 50 anos, para murar as bocas vizinhas.

Contador de Argote diz-nos que as muralhas que limitavam a citânia ainda em 1734 tinham um côvado de altura (1).

---

(1) D. Jerónimo Contador de Argote: *Memórias para a História eclesiástica do arcebispado de Braga...*, tomo II, Lisboa, 1734.

Admitindo a possibilidade de ter sido ali um dos lugares em que os assaltantes tivessem transposto a muralha n.º 2, é natural que imediatamente se espalhassem pela rua n.º 1, que lhe fica em frente, seguissem pela n.º 2 e depois pela n.º 3 em direcção à muralha n.º 1 ou do reduto central, dentro do qual os castrejos se teriam concentrado.

As moedas recolhidas na casa n.º 14 e na rua n.º 3 assim o parecem comprovar.

O esforço dos assaltantes devia ter convergido para o largo ou espaço existente entre as casas n.ºs 57 e 60, junto da muralha n.º 1.

A passagem para o interior desta, através da porta situada em *D*, ao cimo da rua n.º 3, devia estar bem defendida, razão porque se procurou nas suas vizinhanças um ponto para o assalto.

Que a luta e incêndio foi nele violenta provam-no a dispersão e abundância de moedas queimadas encontradas em *B*, sobre a muralha n.º 1 e suas imediações.

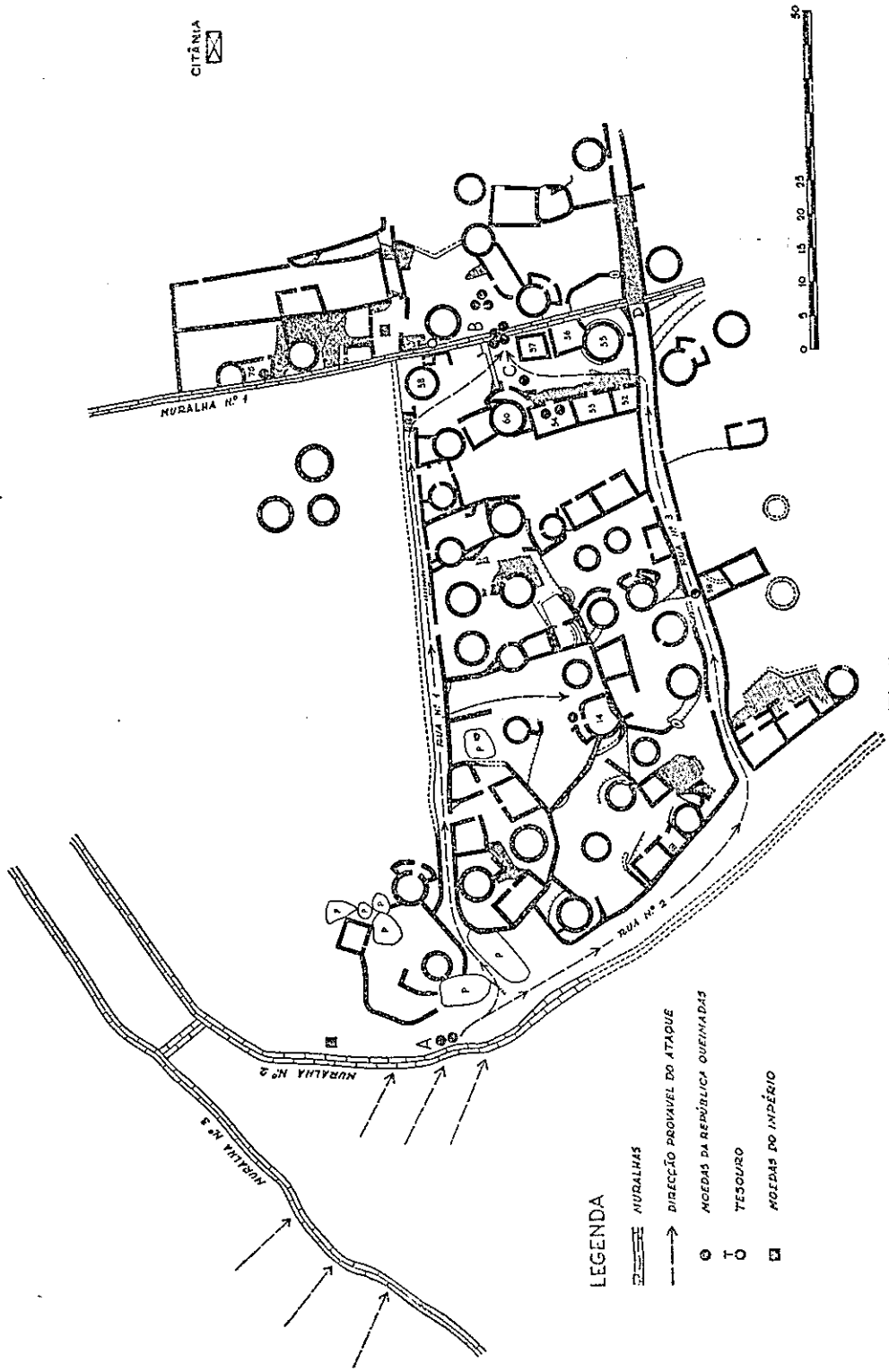
Todos estes indícios nos parecem demonstrar que, pelo menos na parte até agora escavada, o inimigo teria certamente atacado pelo lado ocidental, de declive bastante suave, transposto a muralha n.º 2 pelas alturas de *A*, tomado o reduto central e portanto aniquilado toda a resistência da citânia, depois de desesperados combates e abertura da brecha *B* na muralha n.º 1, tendo para isso agrupado poderosos meios no largo *C*.

São estes os factos que a análise calma e ponderada dos achados numismáticos nos leva a admitir, depois de uma escavação cuidada e recolha meticulosa dos mais pequenos vestígios, que atravessando os séculos, conseguiram chegar até nossos dias. (1).

---

(1) Ao académico Dr. Pedro Batalha Reis, ao Dr. Rebelo de Andrade do Museu Numismático Português, à Dr.ª Conception Fernandez Chicarro do Museu Arqueológico de Sevilha, a Maria Luisa Oliveros Rives e Maria Luisa Galvan do Museu Arqueológico de Madrid, pelas amáveis indicações que nos deram para a classificação de algumas moedas e a A. Baptista, da D. G. E. M. N. pela execução do desenho, os nossos maiores agradecimentos.

CARTA DA CITÂNIA DE SANFINS INDICANDO A DISTRIBUIÇÃO DOS NUMISMAS



LEGENDA

- ▬ MURALHAS
- DIREÇÃO PROVÁVEL DO ATAQUE
- MOEDAS DA REPÚBLICA QUEENADAS
- ⊖ TESOURO
- ⊠ MOEDAS DO IMPÉRIO

(Fig. 1)